



DIVERSIDADE SEXUAL E A CIDADANIA LGBT



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Secretaria da Justiça e
da Defesa da Cidadania

2018

LGBT - Sigla internacionalmente utilizada para se referir aos cidadãos e cidadãs Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Mulheres Transexuais e Homens Trans.

3ª Edição - 2018

Ficha Catalográfica elaborada na Biblioteca da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania – CRB-8ª 5791

São Paulo. Governo do Estado. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania.

Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual. Diversidade sexual e cidadania LGBT. 3ª ed. São Paulo: SJDC/SP, 2018. 47 p.

ISBN 978-85-68471-05-0

1. Direito 2. Políticas públicas 3. Diversidade sexual - Cidadania 4. Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual III. Governo do Estado de São Paulo II. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania 1. Barros, Ana Ferri (org) 2. Alves, Heloísa Helena Cidrin Gama (col. rev.), 3 Malheiros, Deborah Bittencourt (col. rev.) 4. Silva, Cassio Rodrigo de Oliveira (col. rev.) 5. Silva, Raquel Paes Leme (col. rev.) 6. Polizeli, Everson (col. rev.) Bossi, Marcelo de Oliveira (col. rev.) 8. Lima, Marcelo de (col. rev.)

CDD 323.4

Márcio França
Governador do Estado de São Paulo

Márcio Fernando Elias Rosa
Secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania

**Coordenação de Políticas para a
Diversidade Sexual**

Cássio Rodrigo
Coordenador de Políticas para a Diversidade Sexual

Everson Polizeli
Executivo Público

Raquel Paes Leme Silva
Executivo Público

Marcelo de Lima
Oficial Administrativo

Capa e foto
Comunicação SJDC

Edição do Projeto Gráfico

Marcelo de Lima
Oficial Administrativo - CPDS

Revisão

Everson Polizeli
Executivo Público

Raquel Paes Leme Silva
Executivo Público

Impressão e Acabamento
Imprensa Oficial do Estado S/A – Imesp

Apresentação

O Governo do Estado de São Paulo atua há muito tempo na promoção da cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres transexuais e homens trans. Esta terceira edição da cartilha “Diversidade Sexual e a Cidadania LGBT”, promovida e organizada pela Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, por meio da Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual, é mais um passo nesta direção.

O então governador Mário Covas, ao criar em 1997 o Programa Estadual de Direitos Humanos, pelo Decreto nº 42.209, recordou que no regime democrático toda pessoa deve ter a sua dignidade respeitada e a sua integridade protegida, independentemente da origem, raça, etnia, gênero, idade, condição econômica e social, orientação ou identidade sexual, credo religioso ou convicção política. O programa possuía um anexo com um capítulo voltado apenas para a questão LGBT: “12. Homossexuais e Transexuais”, ou seja, de há muito existe o compromisso do Governo do Estado com o tema e as pessoas.

Na década de 2000, São Paulo reforçou sua atuação combativa contra a LGBTfobia por meio da Lei nº 10.948/01, uma das primeiras do país a proibir e punir atos discriminatórios em razão da orientação sexual e/ou identidade de gênero do indivíduo.

Aliado a esta lei, temos o Decreto nº 55.588/10, que dispõe sobre o tratamento nominal de travestis, mulheres transexuais e homens trans nos órgãos públicos do Estado de São Paulo, normativa que mais frutos gerou em relação às políticas públicas para a população LGBT, em especial travestis, mulheres transexuais e homens trans, com regulamentações na Administração Penitenciária, na Segurança Pública, na Saúde e na Educação.

Dados atuais de LGBTfobia apontam que a cada 25 horas uma pessoa LGBT é morta no Brasil.

Um triste quadro que exige de nós, gestores, ações práticas para a promoção da cidadania plena de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres transexuais e homens trans do

nosso Estado. Acreditamos que uma das melhores formas de combater o preconceito é a educação. Por isso, temos atuado exaustivamente na formação de nossos servidores públicos, para que o respeito à diversidade humana e aos direitos fundamentais da pessoa humana estejam sempre como meta de qualidade nos serviços prestados pelo Governo do Estado de São Paulo.

Nesse sentido, a terceira edição revista e atualizada desta Cartilha “Diversidade Sexual e a Cidadania LGBT” vem contribuir com o trabalho em Educação para Direitos Humanos, promovido por esta Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania e colocar, como pauta prioritária da administração estadual, o respeito à diversidade sexual e de gênero, mas acima de tudo, humana.

Márcio Fernando Elias Rosa

*Secretário da Justiça
e da Defesa da Cidadania*



Algum lugar além do Arco-Íris

*Somewhere over the rainbow
Bluebirds fly.
Birds fly over the rainbow.
Why then, oh why can't I?
If happy little bluebirds fly
Beyond the rainbow
Over the Rainbow.
(Harold Arlen / E. Y. Harburg)*

Em 1939, a então estreante atriz Judy Garland surgia para o mundo no papel de Dorothy, em “O Mágico de Oz”, encantando plateias com a música “Over the Rainbow”, com a qual passou a ser identificada para o resto de sua vida.

Mas o que essa atriz americana, considerada uma das maiores estrelas cantoras da “Era de Ouro” dos musicais de Hollywood tem a ver com nossa população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres transexuais e homens trans?

Ídolo da comunidade LGBT americana, morta em 22 de junho de 1969, era pranteada por frequentadores de um pequeno bar em Nova Iorque – Stone Wall Inn, quando na noite de 28 de junho o estabelecimento foi, novamente invadido por policiais e os presentes resolveram, então, rebelarem-se contra aquela arbitrariedade e violência.

Aos manifestantes juntaram-se outros e essa resistência tornou-se a primeira manifestação LGBT contra a discriminação e o preconceito social ao qual eram submetidos constantemente.

Assim, em 1970, quando houve a primeira Parada do Orgulho em São Francisco, o episódio de Stone Wall Inn foi lembrado e reverenciado e o movimento de Paradas, principalmente nos Estados Unidos, relembra sempre esse momento histórico.

Mas para quem acha que a perseguição, a discriminação e a violência contra pessoas por causa de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero – real ou percebida – acabou, digo que não. Ainda hoje temos 72 países ao redor do mundo, a maioria na região do Oriente Médio, que criminalizam a homossexualidade, condenando pessoas à prisão e até pena de morte simplesmente pelo fato de amarem outro igual.

Uganda, Sudão do Sul, Nigéria, Libéria, Burundi, Somália, Mauritânia, dentre outros países africanos, tentaram aprovar as chamadas “Leis Anti-Homossexualidade”, que propõem até mesmo a pena de morte para o crime de “homossexualidade agravada”, e que criminaliza qualquer um que não denuncie pessoas “envolvidas com a homossexualidade”.

LGBTfobia no Brasil

Segundo dados do Grupo Gay da Bahia, a organização não-governamental mais antiga e em funcionamento, a cada 25 horas um LGBT é morto no nosso país (dados de 2018). “2017, foi o ano com o maior número de assassinatos da população LGBT desde o início da pesquisa, há 37 anos, aproximadamente a cada 19 horas, um LGBT morreu de forma violenta por motivação homotransfóbica no Brasil.”

Nesse contexto, devemos pensar as políticas públicas voltadas para a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Mulheres Transexuais e Homens Trans pautadas na transversalidade. Não podemos estabelecer ações na educação sem incluirmos direitos humanos, não podemos pensar a cultura sem agregarmos a assistência social, não podemos pautar a segurança pública, se não atrelarmos à saúde, e assim por diante.

E a educação passa, antes, por fazer a lição de casa e sensibilizar os servidores públicos do Estado de São Paulo para a pauta LGBT. Pensando nisso, a Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, por meio da Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual, lançou, em 2014, a cartilha “Diversidade Sexual

e a Cidadania LGBT”, que agora encontra-se em sua terceira edição, revista e ampliada, a qual apresentamos ao público paulista.

Esta cartilha é um importante instrumento no trabalho de Educação em Direitos Humanos que a Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania tem se empenhado em realizar por todo o Estado de São Paulo. Essa terceira edição irá permitir à Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual e aos órgãos parceiros dar continuidade e ampliar o trabalho de formação dos/as servidores/as públicos para um atendimento mais humanizado a população LGBT, contribuindo para a construção de uma sociedade onde as diferenças sejam apenas diferenças e não marcadores de desigualdades.

Por exemplo, o Estado de São Paulo possui o Decreto nº 55.588/2010, que garante o uso do nome social para travestis, mulheres transexuais e homens trans. Embasado nele, no campo da Educação, o Conselho Estadual da Educação editou a Deliberação CEE nº 125, de 30 de abril de 2014, que dispôs sobre a inclusão de nome social nos registros escolares das instituições públicas e privadas no Sistema de Ensino do Estado de São Paulo. Essa norma é válida para escolas públicas e privadas, e garante o debate sobre diversidade sexual nesses espaços:

“Art. 1º - As instituições vinculadas ao Sistema de Ensino do Estado de São Paulo, em respeito à cidadania, aos direitos humanos, à diversidade, ao pluralismo e à dignidade humana, incluirão, a pedido dos interessados, além do nome civil, o nome social de travestis e transexuais nos registros escolares internos.

Art. 5º - A instituição deverá viabilizar as condições necessárias de respeito às individualidades, mantendo, entre outros, programas educativos e assegurando ações e diretrizes previstas nos Planos Estaduais de Enfrentamento à Homofobia e Promoção da Cidadania LGBT.”

Romper o preconceito e coibir a discriminação para com lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres transexuais e homens trans perpassa pela promoção dos Direitos Humanos.

Compete ao Poder Público informar a sociedade como um todo acerca do respeito ao próximo, sempre com o foco nas principais demandas da população LGBT. É papel essencial do Estado promover a cidadania plena, por meio da educação e pela inclusão de todas as pessoas.

Uma sociedade democrática de direito, uma sociedade inclusiva, uma sociedade cidadã não faz acepção de pessoas em razão de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, pelo contrário, acolhe-as e integra-as como qualquer outra pessoa de direito.

Desvendar o Arco-Íris é acreditar na lenda de que ele foi formado pelo pranto da morte da Esperança, e crer que a Esperança nunca morre no coração de quem sonha com um mundo para todas, todos e todes.

Cássio Rodrigo

*Coordenador de Políticas
para a Diversidade Sexual*



Sumário

Rede Paulista de Proteção à População LGBT.....	11
1 Afinal, o que é Diversidade Sexual?.....	13
1.1 Sexo Biológico.....	14
1.2 Orientação Sexual.....	14
1.3 Gênero.....	15
1.4 Papel de Gênero.....	15
1.5 Expressão de Gênero.....	16
1.6 Identidade de Gênero.....	17
2 LGBTfobia.....	23
2.1 Homofobia.....	24
2.2 Transfobia.....	25
2.3 LGBTfobia.....	25
2.4 LGBTfobia Institucional.....	26
3 Direitos.....	27
3.1 Principais marcos legais.....	30
3.2 Outras legislações e atos normativos.....	36
4 Referências bibliográficas.....	41
5 Endereços úteis.....	43

Rede Paulista de Proteção à População LGBT

A Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania conta com órgãos de promoção dos direitos e de defesa da cidadania da população LGBT. São eles:

Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual

A Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual (CPDS) foi criada em 2009 na Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania (SJDC), por meio do Decreto Estadual no 54.032/2009. Com o objetivo de elaborar políticas públicas para a promoção dos direitos da população LGBT, a CPDS tem como atribuições a promoção, elaboração, coordenação, desenvolvimento e acompanhamento de programas, projetos e ações, visando à efetiva atuação em favor do respeito à dignidade da pessoa humana desta população, independente da orientação sexual e da identidade de gênero.

Outra atribuição é a de promover a formação e o treinamento de pessoal, bem como a de prestar colaboração técnica a órgãos e entidades públicos do Estado.

Comitê Intersecretarial de Defesa da Diversidade Sexual

O Comitê Intersecretarial de Defesa da Diversidade Sexual foi criado pelo mesmo Decreto Estadual no 54.032/2009 e é articulado pela Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania por meio da Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual. Composto atualmente por onze Secretarias de Estado, a saber: Casa Civil, Justiça e da Defesa da Cidadania, Desenvolvimento Social, Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, Emprego e Relações do Trabalho, Segurança Pública, Administração Penitenciária, Educação, Saúde, Cultura, Planejamento e Gestão. O Comitê tem como atribuições articular providências tendo em vista o desenvolvimento de ações para o aprimoramento de políticas, programas, projetos e atividades estaduais nos aspectos pertinentes à diversidade sexual, além de elaborar e propor políticas públicas que valorizem o respeito às diferenças humanas.


Conselho Estadual dos Direitos da População LGBT

O Decreto Estadual no 55.587/2010, alterado pelo Decreto Estadual no 58.527/2012, instituiu o Conselho Estadual dos Direitos da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Órgão colegiado, autônomo, vinculado à Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania por meio da CPDS, caracteriza-se por ser um órgão de gestão pública, participação e controle social.

O Conselho é formado paritariamente por representantes do Poder Público e da Sociedade Civil, sendo os últimos escolhidos de forma direta pela população LGBT.

Entre suas competências estão: participar da elaboração de políticas públicas que busquem assegurar a promoção dos direitos da população LGBT, propor e incentivar a realização de campanhas destinadas à promoção da diversidade sexual e o enfrentamento à discriminação homofóbica e transfóbica, além de monitorar as ações do Governo.





1-Afinal, o que é Diversidade Sexual?

A **sexualidade** humana é formada por uma múltipla combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais e é basicamente composta por quatro elementos: **sexo biológico, orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero**.

Chamamos de Diversidade Sexual as infinitas formas de vivência e expressão da sexualidade e da identidade de gênero.

1.1 Sexo Biológico

Conjunto de informações cromossômicas, órgãos genitais, capacidades reprodutivas e características fisiológicas secundárias que distinguem “**machos**” e “**fêmeas**”.

Há também pessoas que nascem com uma combinação diferente destes fatores, e que podem apresentar características de ambos os sexos. Essas pessoas são chamadas de **Intersexos**.

A palavra intersexual é preferível ao termo HERMAFRODITA, já bastante estigmatizado, precisamente porque hermafrodita se referia apenas a questão dos genitais visíveis.

Um em cada 100 nascimentos possui algum nível de ambiguidade sexual e entre um e dois em cada 1.000 nascimentos essa ambiguidade é tal que precisa de cirurgia para diferenciação de gênero.

1.2 Orientação Sexual

É a atração afetiva e/ou sexual que uma pessoa manifesta em relação à outra, para quem se direciona, involuntariamente, o seu desejo.

Existem três tipos majoritários de orientação sexual:

Heterossexual: Pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do sexo/gênero oposto.

Homossexual (Gays e Lésbicas): Pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero.

Bissexual: Pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas de ambos os sexos/gêneros.

Importante!

Não se utiliza a expressão “opção sexual” por não se tratar de uma escolha.

Orientação sexual	✓	Opção sexual	✗
-------------------	---	--------------	---

Não se utiliza a expressão “homossexualismo”, pois, neste caso, o sufixo “ismo” denota doença e a homossexualidade não é considerada como patologia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) desde 1990, quando modificou a Classificação Internacional de Doenças (CID), declarando que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão”.

Homossexualidade	✓	Homossexualismo	✗
------------------	---	-----------------	---

1.3 Gênero

Formulado nos anos 1970, o conceito de gênero foi criado para **distinguir a dimensão biológica da dimensão social**. Embora a biologia divida a espécie humana entre machos e fêmeas, a maneira de ser homem e de ser mulher é expressa pela cultura. **Assim, homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência direta da anatomia de seus corpos.**

Sexo é biológico, gênero é construção social!

1.4 Papel de Gênero

É o comportamento social, culturalmente determinado e historicamente circunscrito, esperado para homens e mulheres.

“comportamento masculino”	X	“comportamento feminino”
---------------------------	---	--------------------------

Espera-se que meninos gostem de azul, brinquem com carrinhos e que meninas gostem de rosa e brinquem com bonecas.

Espera-se que mulheres sejam sensíveis e usem cabelos compridos e que homens sejam fortes e não chorem.

Estes comportamentos são construídos culturalmente, variam de acordo com a sociedade e não são “naturais”, ou seja, não nascem com a pessoa.

O fato de uma pessoa nascer com um pênis não significa que ela irá automaticamente gostar de futebol e “falar grosso”. Da mesma forma, nascer com uma vagina não faz com que a pessoa seja emotiva e vaidosa.

Assim, o que é ser homem e o que é ser mulher são construções sociais e não comportamentos “naturais” decorrentes das diferenças entre sexos biológicos.

Todos nós, independente do sexo biológico, combinamos características e comportamentos considerados masculinos e femininos, cada um/a de uma maneira diferente!

Meninas que gostam de futebol **não são** necessariamente **lésbicas!**

Meninos que gostam de balé **não são** necessariamente **gays!**

1.5 Expressão de gênero

É como a pessoa manifesta publicamente a sua identidade de gênero, por meio do seu nome, da vestimenta, do corte de cabelo, dos comportamentos, da voz e/ou características corporais e da forma como interage com as demais pessoas.

A expressão de gênero da pessoa nem sempre corresponde ao seu sexo biológico (GLAAD, 2016, p. 10). A expressão de gênero não necessariamente aponta o gênero, a linguagem ou a orientação sexual de alguém e, nem mesmo sua identidade de gênero. Embora vinculada à população LGBT, o conceito de “expressão de gênero” é mais amplo. A maioria das pessoas descrevem e adotam suas expressões de gênero como mascu-

lina ou feminina, mas encontramos pessoas com a expressão andrógina, ou não binária, ou fluída.

Um exemplo é o termo metrossexual, surgido no final dos anos 90 pela junção das palavras metropolitano e sexual, sendo uma gíria para o homem urbano excessivamente preocupado com a aparência, gastando boa parte de seu tempo e dinheiro em cosméticos, acessórios, roupas e seguindo sempre as tendências de moda de cada estação.

Ainda em relação as expressões de gênero, apresentamos a androginia, termo genérico usado para descrever qualquer pessoa que assuma postura social, especialmente a relacionada à vestimenta, comum a ambos os sexos. A pessoa andrógena é aquela que tem características comportamentais de ambos os sexos, tornando-se difícil definir a que gênero pertence uma pessoa andrógena apenas com sua aparência.

1.6 Identidade de Gênero

É a percepção íntima que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente do sexo biológico.

A identidade traduz o entendimento que a pessoa tem sobre ela mesma, como ela se descreve e deseja ser reconhecida.

Cisgênero: Pessoa cuja identidade de gênero está alinhada ao seu sexo biológico. Aquelas que são biologicamente mulheres e possuem identidade de gênero feminina ou biologicamente homens e possuem identidade de gênero masculina.

Transgênero: Terminologia normalmente utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros. Contudo, há quem utilize esse termo para se referir apenas àquelas pessoas que não se identificam nem como travestis, nem como mulheres transexuais e nem como homens trans, mas que vivenciam as suas expressões de gêneros de maneira não convencional.

Mulheres Transexuais e Homens Trans

Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do seu sexo biológico. São “pessoas que recusam totalmente o sexo

biológico e identificam-se psicologicamente com o sexo oposto, apresentando aparente conflito” (Hojda, 1985).

Mulheres e homens transexuais podem realizar modificações corporais por meio de terapias hormonais e intervenções médico-cirúrgicas, com o intuito de adequar seus atributos físicos, inclusive genitais (cirurgia de redesignação sexual), à sua identidade de gênero. Entretanto, nem todas as pessoas transexuais manifestam esse desejo.

A Organização Mundial de Saúde – OMS, retirou a transexualidade da categoria de “distúrbios mentais” na Classificação Internacional de Doenças (CID), passando a ser denominada como **incongruência de gênero** e movida para a categoria “condição relativa à saúde sexual”.

Entende-se como **incongruência de gênero** a incompatibilidade persistente entre o gênero vivido por uma pessoa e o gênero atribuído a ela.

Embora admitindo que a classificação pode reforçar os estigmas relacionados às pessoas transgêneros, a OMS afirma que mantê-la na CID ainda é necessário, tendo em vista que existem necessidades significativas de cuidados de saúde que podem ser melhor atendidas se a condição for codificada.

Mulher transexual:

é aquela que nasceu com sexo biológico masculino, mas possui uma identidade de gênero feminina e se reconhece como mulher.

Homem trans:

é aquele que nasceu com sexo biológico feminino, mas possui uma identidade de gênero masculina e se reconhece como homem.

Travesti

Pessoa que nasce com sexo masculino e tem identidade de gênero feminina. Não possui desconforto com o sexo biológico de nascimento, nem com a ambiguidade de traços corporais femininos e masculinos, assumindo papel de gênero diferente daquele imposto pela sociedade.

Muitas travestis modificam seus corpos por meio de terapias hormonais, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, mas, em geral, não desejam realizar a cirurgia de redesignação sexual (conhecida como “mudança de sexo”).

Importante!

As travestis possuem identidade de gênero feminina e, por isso, utiliza-se o artigo definido “A” para se referir a elas.

A travesti	✓	O travesti	✗
------------	---	------------	---

Ser travesti não é sinônimo de ser profissional do sexo!

Grande parte das travestis ainda não consegue concluir a educação formal devido à intensa discriminação que elas sofrem, não só na família e na comunidade como um todo, mas também no próprio ambiente escolar, passando por um processo de intensa marginalização e exclusão social.

Isto gera um problema também para que essas pessoas acessem o mercado de trabalho e, muitas vezes, a única alternativa que lhes resta para sobreviver é a prostituição. Entretanto, nem toda travesti é profissional do sexo. Muitas conseguem enfrentar o preconceito e têm as mais diversas profissões.

Mas, atenção, prostituir-se não é crime e os/as profissionais do sexo não devem ser discriminados/as! Lembrando que a Constituição Federal, em seu artigo 3º, inciso IV, veda expressamente qualquer forma de discriminação.

Orientação Sexual

≠

Identidade de Gênero

Outras expressões:

Agênero: Pessoa que não se identifica ou não se sente pertencente a nenhum gênero.

Crossdresser: Pessoa que se veste com roupas do sexo oposto para vivenciar momentaneamente papéis de gênero diferentes daqueles atribuídos ao seu sexo biológico, mas, em geral, não realiza modificações corporais e não chega a estruturar uma identidade transexual ou travesti.

Drag Queen ou Transformista: Homem que se veste com roupas femininas extravagantes para a apresentação em shows e eventos, de forma artística, caricata, performática e/ou profissional.

Drag King: Mulher que se veste com roupas masculinas com objetivos artísticos, performáticos e/ou profissionais.

Binarismo de gênero

Idéia de que só existe macho/fêmea, masculino/feminino, homem/mulher, sendo considerada limitante para pessoas não-binárias, ou gênero fluido ou outras expressões de gêneros possíveis.

fonte: Manual de comunicação LGBTI+, página 26, ano 2017.

Nome Social

Nome social é o prenome adotado pela pessoa travesti, mulher transexual ou homem trans, que corresponde à forma pela qual se reconhece, identifica-se e é reconhecida(o) e denominada(o) por sua comunidade.

Sabemos que o nome é, junto com a aparência, a primeira coisa que nos apresenta e identifica. É muito importante que o nome social seja respeitado, de acordo com a identidade de gênero, independente da alteração no RG. Por isso, existem hoje decretos estaduais e municipais que garantem o direito do uso do nome social por travestis e transexuais em órgãos públicos.

O uso do nome social é um direito que deve ser respeitado!
O Estado de São Paulo garante o direito das pessoas travestis e transexuais de serem tratadas pelo nome social em todos os órgãos públicos da Administração Direta e Indireta do Estado, por meio do **Decreto Estadual nº 55.588/2010**.

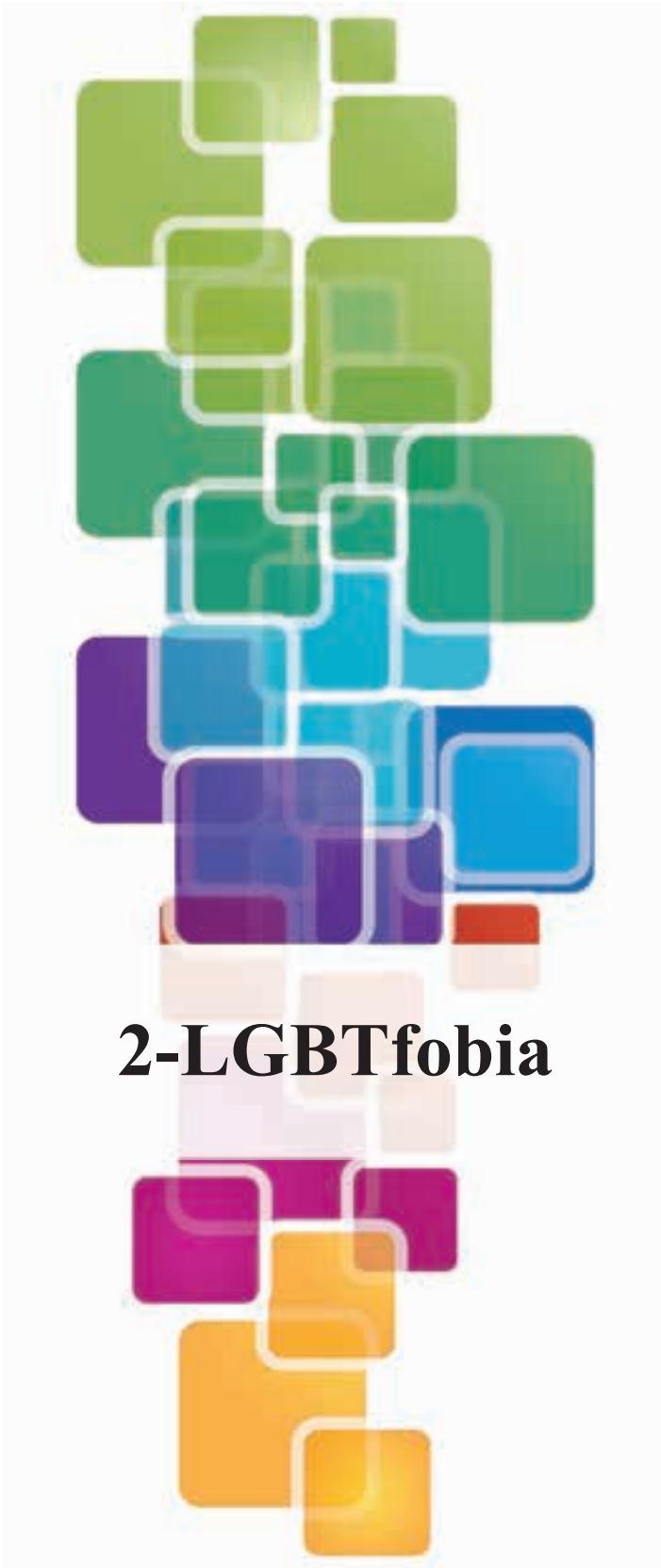
Retificação de nome e sexo

Em decisão histórica, no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4.275, por maioria dos votos dos ministros, o STF decidiu que não há mais a necessidade de autorização judicial para a mudança de nome e sexo de travestis, mulheres transexuais e homens trans, passando a ser uma questão meramente administrativa junto aos cartórios.

Assim, a retificação do nome e do gênero no assento de registro civil poderá ser feita diretamente nos cartórios de registro civil e não depende mais de cirurgia de redesignação sexual, laudo médico e/ou psicológico.

PROVIMENTO CNJ - Corregedoria Nacional de Justiça - nº 73, DE 28 DE JUNHO DE 2018.

Dispõe sobre a averbação da alteração do prenome e do gênero nos assentos de nascimento e casamento de pessoa transgênero no Registro Civil das Pessoas Naturais (RCPN).



2-LGBTfobia

Preconceito e Discriminação

Preconceito é o julgamento que fazemos sobre uma pessoa, sem conhecê-la, diante de alguma característica que esta possua. É uma crença ou ideia preconcebida que temos sobre alguém, a partir de rótulos atribuídos socialmente.

Existe muito preconceito contra a população LGBT, que surge dos mitos construídos culturalmente a respeito da homossexualidade, da bissexualidade, da transexualidade e da travestilidade.

A discriminação acontece quando, a partir de um preconceito, tomamos atitudes diferenciadas e negativas com uma pessoa. No caso de pessoas LGBT, estas são agredidas verbal e fisicamente, excluídas do convívio familiar, impedidas de manifestar afeto em público, e até assassinadas, simplesmente por se sentirem atraídas afetiva e/ ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero que o seu ou por terem identidade de gênero que não condiz com seu sexo biológico.

2.1 Homofobia

É o termo geral normalmente utilizado para se referir **ao preconceito e à discriminação em razão de orientação sexual**, contra gays, lésbicas (lesbofobia) ou bissexuais (bifobia).

Pode ser definida como o medo, o desprezo, a antipatia, a aversão ou o ódio irracional às lésbicas, gays e bissexuais.

Vejamos alguns exemplos:

Mitos	Realidade
Homossexualidade é uma doença.	A homossexualidade é uma expressão da sexualidade humana tão saudável quanto a hétero e a bissexualidade.
Crianças são influenciadas a serem homossexuais se tiverem contato com gays e lésbicas ou forem informadas sobre diversidade sexual.	A atração afetivo/sexual não é uma escolha e sua definição enquanto orientação sexual não pode ser influenciada por outras pessoas.

2.2 Transfobia

Trata-se **do preconceito e da discriminação em razão da identidade de gênero** contra travestis, mulheres transexuais e homens trans.

Pode ser definida como o medo, o desprezo, a antipatia, a aversão ou o ódio irracional às travestis, mulheres transexuais e aos homens trans.

Exemplo:

Mito	Realidade
Travestis, Mulheres Transexuais e Homens Trans são pessoas confusas e com problemas psicológicos.	Travestis, Mulheres Transexuais e Homens Trans são pessoas que por terem uma identidade de gênero que não condiz com o sexo biológico, podem manifestar a necessidade de realizar alterações corporais. Isto não significa que tenham problemas psicológicos ou transtornos mentais.

2.3 LGBTfobia

O termo foi cunhado durante a III Conferência Nacional de Políticas Públicas de LGBT, ocorrida entre 24 e 27 de abril de 2016, em Brasília, para englobar tanto a homofobia/lesbofobia, quanto a transfobia, num único termo.

Com a participação do movimento social e de gestoras e gestores LGBT de todo o país, definiu-se que LGBTfobia refere-se **ao preconceito e à discriminação em razão de orientação sexual e/ou identidade de gênero** de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres transexuais e homens trans.

2.4 LGBTfobia Institucional

Trata-se da institucionalização do preconceito contra LGBTs por meio de normas impostas pelo Estado, como a criminalização da homossexualidade em países do Oriente Médio e do Continente Africano.

Em fevereiro de 2016, a Organização das Nações Unidas divulgou um mapa interativo sobre a criminalização à homossexualidade. O material foi preparado pelo Escritório de Direitos Humanos e mostrou os países que tinham e que ainda têm leis contra LGBTs, contando a história desde 1799 até os dias de hoje.

A ONU cita a manifestação ocorrida no bar Stonewall In, que foi a reação dos LGBTs contra uma ação da polícia em 1969, em Nova York, como o início do movimento do grupo pela liberdade e por direitos civis para LGBTs.

O escritório diz que as leis internacionais de direitos humanos ajudaram a derrubar várias legislações contra gays e lésbicas. Além disso, a queda da União Soviética, no início dos anos 90, também ajudou a aumentar o número de países que suspenderam a criminalização aos homossexuais, mas ainda hoje são 72 países onde ser LGBT é crime, alguns punindo com prisão, outros com prisão perpétua e até pena de morte.

A LGBTfobia Institucional manifesta-se também em comportamentos e práticas discriminatórias cotidianas no atendimento a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres transexuais e homens trans em instituições estatais e privadas. Algumas destas atitudes ou atos são a simples falta de cortesia ou atenção que é destinada aos demais usuários dos serviços públicos, mas podemos encontrar altas violações de direitos, como por exemplo negar a uma travesti ou mulher transexual o direito ao leito na enfermagem feminina.



3-Direitos

Direito à Igualdade

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 1948 pela Organização das Nações Unidas (ONU), reconhece em cada indivíduo o direito à liberdade e à dignidade. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 também adota o princípio da dignidade humana, e afirma como objetivo fundamental, entre outros, “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres transexuais e homens trans são cidadãs e cidadãos que têm direitos e deveres como todas as pessoas. Contudo, historicamente, esta população tem sido privada de muitos direitos em decorrência dos preconceitos existentes em nossa sociedade.



Direito à diferença

O direito à diferença é o que permite que diferentes condições, características culturais e individuais, tais como orientação sexual ou identidade de gênero, sejam respeitadas igualmente perante a lei.

LGBTs estão nas mais diferentes classes sociais, ocupam todo tipo de profissão, têm estilos de vida diversos. Mas há em comum o fato de que sofrem preconceito e discriminação e, por isso, encontram-se, muitas vezes, em situações de **vulnerabilidade**.

A fragilidade ou até rompimento dos vínculos familiares, a exclusão do convívio na comunidade, a discriminação sofrida nas escolas que, em vários casos, provoca o abandono dos estudos, a dificuldade ou impedimento do acesso ao mercado de trabalho, entre outros, produzem condições de altíssima vulnerabilidade, especialmente para travestis, mulheres transexuais e homens trans. Por isso, esta população tem necessidades específicas e precisa de políticas públicas com ações afirmativas que combatam a exclusão histórica a que foi e é submetida, no sentido do enfrentamento à homofobia e à transfobia e da promoção da cidadania LGBT.

Direitos sexuais e reprodutivos

Direitos Sexuais são os direitos que garantem que toda e qualquer pessoa possa viver sua vida sexual com prazer e livre de discriminação. Incluem o direito:

- De viver a sexualidade sem medo, vergonha, culpa, falsas crenças e outros impedimentos à livre expressão dos desejos;
- De escolher o/a parceiro/a sexual sem discriminação, e com liberdade e autonomia para expressar sua orientação sexual se assim desejar;
- De viver a sexualidade livre de violência, discriminação e coerção e com o respeito pleno pela independência corporal do/a outro/a.

3.1 Principais marcos legais

- **DISCRIMINAÇÃO**

LEI ESTADUAL nº 10.948/01 - Dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual e dá outras providências.

A Lei Estadual nº 10.948, de 5 de novembro de 2001, proíbe a discriminação por homofobia e transfobia no Estado de São Paulo e pune toda manifestação atentatória ou discriminatória praticada contra LGBTs. De acordo com esta lei, ninguém pode ser exposto/a à vexame, humilhação, constrangimento, ser impedido/a de acessar locais públicos ou privados, ser cobrado/a com preços ou serviços diferenciados, ser impedido/a de locar imóveis para qualquer finalidade, ser demitido/a ou deixar de ser admitido/a em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. É ainda considerado discriminação, proibir a LGBTs o mesmo tipo de afetividade permitida a outros/as cidadãos e cidadãs no mesmo local.

Quem pode ser punido?

A lei pune administrativamente qualquer pessoa ou instituição. Estão sujeitos a punições: quaisquer cidadãos, inclusive detentores/as de função pública, civil ou militar, e toda organização social ou empresa, de caráter público ou privado (restaurantes, escolas, delegacias, postos de saúde, motéis etc.).

Quais as punições?

A discriminação homofóbica e transfóbica pode ser punida por advertência, multa, e, em caso de estabelecimento comercial, também com a suspensão ou cassação da licença de funcionamento. Para servidores/as públicos, além da aplicação da presente lei, poderão ser aplicadas as penalidades cabíveis nos termos do Estatuto dos Funcionários Públicos.

Como denunciar?

Para acabar com a ignorância e intolerância contra qualquer grupo da sociedade, não podemos ficar calados/as. A LGBTfobia é expressão de uma realidade que pode ser mudada através de conscientização e da promoção da cidadania.

Se você foi vítima de LGBTfobia, ou presenciou ato discriminatório contra LGBT, denuncie! Denunciar é um grande passo para a construção de uma sociedade que respeita a diversidade!

Siga os passos descritos a seguir:

1. Verifique se as pessoas que presenciaram o ato aceitam ser testemunhas.
2. Anote nomes e telefones para futuros contatos.
3. Registre em áudio e/ou vídeo, imprima ou fotografe provas que considere relevantes para a comprovação do fato.
4. Registre um Boletim de Ocorrência na Delegacia de Polícia. No caso de crimes contra a honra (injúria, calúnia, difamação), como também de ameaça, o boletim pode ser feito pela internet: www.ssp.sp.gov.br/bo
5. **Denuncie** – Denúncias podem ser feitas por meio dos seguintes canais:

Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania:

1) Ouvidoria - SJDC

Largo Pátio do Colégio, 148, térreo
Centro, São Paulo – SP CEP: 01016-040
Tel.: (11) 3291-2621
www.justica.sp.gov.br

2) Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual do Estado de São Paulo

Rua Antônio de Godói, 122 – 11º andar – Sala 118
CEP: 01034-001
Tel.: (11) 3241-4449 ou 3241-4997
diversidadesexual@sp.gov.br
www.justica.sp.gov.br

Defensoria Pública do Estado de São Paulo
Núcleo Especializado de Defesa da Diversidade e da Igualdade Racial

Rua Boa Vista, 103, 1º andar
Centro, São Paulo – SP CEP: 01014-001
Tel.: (11) 3101-0155 – Opção 1
nucleo.discriminacao@defensoria.sp.def.br
www.defensoria.sp.def.br

Ordem dos Advogados do Brasil - OAB-SP
Comissão Especial da Diversidade Sexual

Praça da Sé, 385, 4º andar
São Paulo – SP CEP: 01001-902
Tel.: (11) 3291-8212
diversidade.sexual@oabsp.org.br
www.oabsp.org.br

Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República

Disque Direitos Humanos – Disque 100
Discagem direta e gratuita do número 100

LEI ESTADUAL nº 11.199/02 – Proíbe a discriminação aos portadores do vírus HIV ou às pessoas com Aids e dá outras providências.

Esta Lei proíbe atos discriminatórios contra pessoas vivendo com HIV/Aids, como solicitar exames para a detecção do vírus HIV para inscrição em concurso ou seleção para ingresso no serviço público ou privado, obrigar de forma explícita ou implícita as pessoas vivendo com HIV/Aids a informar sobre a sua condição a funcionários/as hierarquicamente superiores, entre outros.

A Lei também proíbe impedir o ingresso, a matrícula ou a inscrição em creches, escolas, centros esportivos ou culturais, programas, cursos e demais equipamentos de uso coletivo, em razão desta condição.

Os canais de denúncia, para a Lei nº 11.199/02, são:

Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania:

1) Ouvidoria - SJDC

Largo Pátio do Colégio, 148, térreo
Centro, São Paulo – SP CEP: 01016-040
Tel.: (11) 3291-2621
www.justica.sp.gov.br

2) Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual do Estado de São Paulo

Rua Antônio de Godói, 122 – 11º andar – Sala 118
CEP: 01034-001
Tel.: (11) 3241-4449 ou 3241-4997
diversidadesexual@sp.gov.br
www.justica.sp.gov.br

Defensoria Pública do Estado de São Paulo Núcleo Especializado de Defesa da Diversidade e da Igualdade Racial

Rua Boa Vista, 103, 1º andar
Centro, São Paulo – SP CEP: 01014-001
Tel.: (11) 3101-0155 – Opção 1
nucleo.discriminacao@defensoria.sp.def.br
www.defensoria.sp.def.br

LEI ESTADUAL nº 14.363/2011 - Altera a Lei Estadual nº 10.313/99.

Altera a redação que veda qualquer forma de discriminação no acesso aos elevadores de todos os edifícios públicos ou particulares, comerciais, industriais e residenciais, multifamiliares existentes no Estado de São Paulo, acrescentando os termos “orientação sexual” e “identidade de gênero”.

LEI ESTADUAL nº 14.462/2011 – Institui o “Dia de Luta contra a Homofobia”.

Fica instituído o “Dia de Luta contra a Homofobia no Estado de São Paulo”, a ser celebrado, anualmente, em 17 de maio.

- **NOME SOCIAL**

Decreto Estadual nº 55.588/10 - Dispõe sobre o tratamento

nominal das pessoas transexuais e travestis nos órgãos públicos do Estado de São Paulo e dá providências correlatas.

Este Decreto assegura às pessoas transexuais e travestis, o direito à escolha de tratamento nominal nos atos e procedimentos promovidos no âmbito da Administração direta e indireta do Estado de São Paulo.

Mediante indicação da pessoa, seu nome social deverá constar em todos os documentos, fichas, formulários e crachás, devendo os servidores públicos tratá-la pelo nome indicado.

Instrução UCRH nº 10, de 1º de setembro de 2014 - Identificação funcional para pessoas transexuais e travestis.

A Unidade Central de Recursos Humanos (UCRH) expediu a Instrução acima normatizando que, a elaboração de crachás de acesso e demais documentos de identificação funcional dos servidores da administração direta e indireta devem ser elaborados com a utilização do prenome social que o servidor interessado indicar, correspondente à forma pela qual se reconhece, é identificado, reconhecido e denominado por sua comunidade e em sua inserção social.

O inciso II prevê: os órgãos setoriais e subsetoriais de recursos humanos devem **promover a divulgação do Decreto nº 55.588/2010**, aos seus servidores, por meio de comunicados internos, capacitações e listas de e-mails, dentre outras formas, a fim de que tenham ciência da correta utilização do prenome social – tanto no âmbito interno quanto no atendimento ao público em geral.

Instrução UCRH nº 03, de 18 de fevereiro de 2015 - Uso do nome social em concursos públicos.

Estabelece a possibilidade do uso do “nome social” por parte de travestis, mulheres transexuais e homens trans, em todas as fases do concurso público nos termos do decreto nº 55.588 de 17 de março de 2010.

Deliberação CEE nº 125/2014 - Dispõe sobre a inclusão de nome social nos registros escolares das instituições públicas e privadas no Sistema de Ensino do Estado de São Paulo e dá outras providências correlatas.

O Conselho Estadual de Educação (CEE) determina que as instituições vinculadas ao Sistema de Ensino do Estado de São Paulo, em respeito à cidadania, aos direitos humanos, à diversidade, ao pluralismo e à dignidade humana, incluirão, a pedido dos interessados/as, além do nome civil, o nome social de travestis e transexuais nos registros escolares internos. Fica estabelecido que o nome social deverá ser usual na forma de tratamento e acompanhar o nome civil nos registros e documentos escolares internos.

No caso de alunos/as menores de idade, é necessária a autorização expressa dos responsáveis legais.

• SISTEMA PENITENCIÁRIO

Resolução SAP nº 11/2014 - Dispõe sobre a atenção a travestis e transexuais no âmbito do sistema penitenciário.

A Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) determinou que seja preservado o direito à identidade de gênero e à orientação sexual das pessoas travestis e transexuais dentro do Sistema Penitenciário do Estado de São Paulo. Estabelece, por exemplo, o direito ao uso de peças íntimas do gênero com que a pessoa se identifica e cabelos na altura dos ombros, além do uso do nome social.

Resolução SAP nº 153/2011 - Regulariza visita íntima homoafetiva para presos.

Esta Resolução da Secretaria da Administração Penitenciária inclui às normas sobre visita íntima nas unidades prisionais (Resolução SAP nº 144/2010), um artigo que determina o tratamento igualitário nos casos de relações homossexuais de pessoas em privação de liberdade àquele aplicado a relações heterossexuais

- **UNIÃO ESTÁVEL / CASAMENTO CIVIL**

PROVIMENTO CG nº 41/2012 - Modifica o Capítulo XVII, do Tomo II, das Normas de Serviço da Corregedoria Geral da Justiça.

Editado pela Corregedoria Geral de Justiça do Tribunal de Justiça de São Paulo, estabelece novos procedimentos em suas Normas de Serviços, especificamente no que se refere ao Registro das Pessoas Naturais. Seu artigo 88 assegura igual tratamento aos casais homossexuais no que tange ao casamento e conversão de união estável em casamento, garantindo-lhes igualdade de direitos.

Resolução CNJ nº 175/2013 - Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo.

36

O Supremo Tribunal Federal, em 2011, decidiu equiparar os direitos e deveres dos casais heterossexuais e homossexuais. Na prática, essa decisão nada mais é do que o reconhecimento do casal homossexual como uma entidade familiar, tanto quanto um casal heterossexual, pressupondo assim a igualdade em direitos tais como a união estável.

Posteriormente, em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publicou a Resolução nº175/2013, proibindo os cartórios de recusar a celebração de casamento civil ou de converter união estável em casamento entre pessoas do mesmo sexo. Caso algum cartório não cumpra a Resolução do CNJ, o casal interessado poderá levar o caso ao juiz corregedor daquela comarca para que ele determine o cumprimento da medida. Além disso, poderá ser aberto processo administrativo contra o oficial que se negou a celebrar ou reverter a união estável em casamento.

3.2 Outras legislações e atos normativos .

Decreto nº 55.587/10, de 17 de março de 2010 de São Paulo.

Institui o Conselho Estadual dos Direitos da População de Lés-

bicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais e dá providências correlatas.

Decreto nº 55.589, de 17 de março de 2010.

Regulamenta a Lei nº 10.948, de 5 de novembro de 2001, que dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual.

Resolução nº 88, de 19 de agosto de 2002 – Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania.

Regulamenta a Lei nº 10.948, de 05 de novembro de 2001, que dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas na prática de discriminação em razão de orientação sexual, cria a Comissão Processante Especial e dá outras providências.

Decreto nº 55.839, de 18 de maio de 2010 – São Paulo.

Institui o Plano Estadual de Enfrentamento à Homofobia e Promoção da Cidadania LGBT e dá providências correlatas.

Decreto Estadual nº 50.594, de 22 de março de 2006 – São Paulo.

Cria a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (DECRAI).

Princípios de Yogyakarta, de 9 de novembro de 2006.

Documento elaborado por um grupo de especialistas em direitos humanos e apresentado à ONU, delimita princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero.

Resolução Normativa nº 77, de 29 de janeiro de 2008 – Conselho Nacional de Imigração.

Estabelece os critérios para a concessão de visto temporário ou permanente, ou de autorização de permanência, ao companheiro ou companheira em união estável.

Lei Complementar nº 1.012, de 5 de julho de 2007 – São Paulo.

Legislação paulista que trata do regime de previdência dos servidores públicos estaduais. Equipara os casais homossexuais, na constância da união homoafetiva, aos casais heterossexuais, para efeitos de gozo do direito à pensão por morte de servidor/a, auxílio reclusão e auxílio funeral.

Portaria nº 513, de 9 de dezembro de 2010 – Ministério da Previdência Social.

Reconhece as uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo para assegurar-lhes igual tratamento a seus dependentes para fins previdenciários.

Circular nº 257, de 21 de junho de 2004 – Superintendência de Seguros Privados do Ministério da Fazenda.

Regulamenta o direito de companheiro ou companheira homossexual, na condição de dependente preferencial, ser o beneficiário do Seguro DPVAT.

Lei Federal nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 – Lei Maria da Penha.

Reconhece a violência baseada no gênero como uma violação de direitos humanos e responsabiliza o Estado pelo enfrentamento às diversas formas de violência doméstica. Reconhece que as violências baseadas no gênero independem da orientação sexual das vítimas, estendendo a proteção jurídica às relações formadas por mulheres lésbicas e bissexuais.

Resolução nº 1, de 22 de março de 1999 – Conselho Federal de Psicologia.

Estabelece normas de atuação para os/as psicólogos/as em relação à questão da orientação sexual.

Resolução nº 14, de 20 de junho de 2011 – Conselho Federal de Psicologia.

Autoriza a inclusão do nome social de psicólogas e psicólogos travestis e transexuais na Carteira de Identidade Profissional.

Resolução nº 1, de 29 de janeiro de 2.018 – Conselho Federal de Psicologia.

Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis, considerando que não exercerão qualquer ação que favoreça a discriminação ou preconceito em relação as pessoas transexuais e travestis.

Resolução nº 489, de 3 de junho de 2006 – Conselho Federal de Serviço Social.

Altera o Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais, de modo a vetar práticas e condutas discriminatórias ou preconceituosas em razão de orientação sexual.

Resolução Conjunta nº 1, de 15 de abril de 2014 – Conselho Nacional de Combate à Discriminação – Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária.

Estabelece os parâmetros de acolhimento de LGBT em privação de liberdade no Brasil.

Resolução nº 4, de 29 de junho de 2011 – Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária.

Estabelece recomendações aos Departamentos Penitenciários Estaduais, garantindo o direito à visita íntima para casais homossexuais.

Resolução nº 124, de 26 de novembro de 2013 – Secretaria Estadual da Saúde – SP.

Institui Comitê Técnico de Saúde Integral da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT.

Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013 – Ministério da Saúde.

Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde.

Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011 – Ministério da Saúde.

Institui, no âmbito do SUS, a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

Resolução nº 1.955, de 12 de agosto de 2010 – Conselho Federal de Medicina.

Estabelece procedimentos para a realização de cirurgias de transgenitalização.

Resolução nº 208, de 27 de outubro de 2009 – Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

Dispõe sobre o atendimento médico integral à população de travestis, transexuais e pessoas que apresentam dificuldade de integração ou dificuldade de adequação psíquica e social em relação ao sexo biológico.

Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008 – Ministério da Saúde.

A Portaria nº 457/2008 desdobra as diretrizes estabelecidas na Portaria nº 1.707/2008, especificando as ações a serem adotadas para a plena realização do processo transexualizador.

Portaria nº 1.707, de 18 de agosto de 2008 – Ministério da Saúde.

Institui diretrizes nacionais para o processo transexualizador no SUS.

Lei Federal nº 9.029, de 13 de abril de 1995 – Casa Civil – Presidência da República.

Proíbe a exigência de atestado de gravidez e esterilização, e outras práticas discriminatórias, para efeitos admissionais ou de permanência da relação jurídica de trabalho, e dá outras providências.

Resolução nº 1.665, de 7 de maio de 2003 – Conselho Federal de Medicina.

Dispõe sobre a responsabilidade ética das Instituições e profissionais médicos na prevenção, controle e tratamento dos pacientes portadores do vírus da SIDA (AIDS) e soropositivos.



4-Referências Bibliográficas

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais - ABGLT. Manual de comunicação LGBTI+. Disponível em <<http://www.abgl.org.br/port/publicacoes.php>>, acesso em 10/08/2018.

Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, 1988. 168p.

Brasil. Ordem dos Advogados. Comissão da Diversidade Sexual e Combate à Homofobia. Direitos da diversidade sexual. Disponível em <<http://www.oabsp.org.br/comissoes2010/diversidade-sexual-combate-homofobia/cartilhas>>, acesso em 28/07/2014.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos. Disponível em <https://goo.gl/PygnYO> Brasília: 2012. 24p.

OLIVEIRA, Rosa Maria Rodrigues de. Direitos sexuais de LGBT* no Brasil: jurisprudência, propostas legislativas e normatização federal. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria da Reforma do Judiciário, 2013.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em <https://goo.gl/H7Wv9a>, acesso em 28/07/2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde. 10ª rev., 1989, São Paulo : EDUSP, 1993. Disponível em <https://goo.gl/tBiXmy>

São Paulo. Defensoria Pública do Estado. Núcleo Especializado de Combate à Discriminação, Racismo e Preconceito: atendimento a travestis e transexuais. São Paulo: Escola da Defensoria Pública do Estado, 2013. Disponível em <https://goo.gl/Rr8LrL>



5-Endereços Úteis

Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania - SJDC

Largo Pátio do Colégio, 148 / 184 - Centro, São Paulo - SP

CEP: 01016-040

PABX: (11) 3291-2600

www.justica.sp.gov.br

Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual – CPDS

Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania

Rua Antônio de Godói, 122 – sala 118, 11º andar

Santa Efigênia, São Paulo - SP - CEP: 01034-001

Tel.: (11) 3241-4449 / (11) 3241-4997

diversidadesexual@sp.gov.br

www.justica.sp.gov.br

Conselho Estadual dos Direitos da População LGBT – CELGBT

Rua Antônio de Godói, 122, sala 117, 11º andar

Santa Efigênia, São Paulo - SP CEP: 01034-001

Tel.: (11) 3241-4717

conselhoestadualglt@sp.gov.br

www.justica.sp.gov.br

44

Núcleo Especializado de Defesa da Diversidade e da Igualdade Racial

Defensoria Pública do Estado de São Paulo

Rua Boa Vista, 103, 1º andar - Centro, São Paulo - SP CEP: 01014-001

Tel.: (11) 3101-0155 – opção 1

nucleo.discriminacao@defensoria.sp.def.br

www.defensoria.sp.def.br

Comissão Especial da Diversidade Sexual

Ordem dos Advogados do Brasil – OAB/SP

Praça da Sé, 385, 4º andar - Sé - São Paulo-SP CEP: 01001-902

Tel.: (11) 3291-8212

diversidade.sexual@oabsp.org.br

www.oabsp.org.br

Comissão da Diversidade Sexual e Gênero - OAB Santos

Praça José Bonifácio, 55 - Centro - Santos - SP

Tel.: (13) 3226-5900

Comissão da Diversidade Sexual e de Gênero

OAB - São Paulo - 116ª Subseção (Jabaquara e Saúde)

Gestora do Programa do Selo “Empresa amiga da diversidade”

Rua Afonso Celso nº 1.200 - Vila Mariana - São Paulo CEP: 04119-061

Tel.: (11) 5594-6125

diversidade.jabaquara@gmail.com

Comissão da Diversidade Sexual OAB - Bauru

Tel.: (14) 3227-3636

Facebook: <https://www.facebook.com/Comissão-da-Diversidade-Sexual-OAB-Bauru-1454436808218681/?fref=ts>

Disque Direitos Humanos – Disque 100

Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República

Discagem direta e gratuita do número 100.

Ligação internacional +55 61 3212.8400

www.disque100.gov.br

Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância – DECRADI

Secretaria de Segurança Pública

Rua Brigadeiro Tobias, 527, 3º andar, Luz, São Paulo - SP

CEP: 01032-092

Tel.: (11) 3311-3555 - (11) 3311-3556

decradi@policiacivil.sp.gov.br

Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais - CRT DST/Aids - SP

Rua Santa Cruz, 81 – Vila Mariana, São Paulo – SP CEP: 04121-000

Tel.: (11) 5087 - 9984

www.crt.saude.sp.gov.br

Assessoria de Cultura para Gêneros e Etnias

Secretaria de Estado da Cultura

Rua Mauá, 51, 3º andar – Luz, São Paulo – SP CEP: 01028-000

Tel.: (11) 3339-8024

generos.etnias@sp.gov.br

www.generoseetnias.com.br

www.cultura.sp.gov.br

Centro de Referência e Defesa da Diversidade – CRD

Rua Major Sertório, 292/294, Vl. Buarque, São Paulo CEP: 01222-000

Tel.: (11) 3151-5786 - (11) 3151-5783

crd@crd.org.br

Coordenadoria da Diversidade Sexual

Secretaria da Mulher - Prefeitura Municipal de Barueri

Rua Sebastião Davino dos Reis, 756

Vila Porto - Barueri - SP

Tel.: (11) 4760-4046 ramal 272

secmulher.eviolencia@barueri.sp.gov.br

Coordenadoria da Promoção dos Direitos da Diversidade Sexual

Secretaria Municipal de Cultura - Prefeitura de Taboão da Serra

Rua Levy de Souza e Silva, 33 Centro - Taboão da Serra - SP

Tel.: (11) 4788-3888

mecors@taboaodaserra.sp.gov.br

Coordenação de Políticas LGBT - CPLGBT

Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania
Rua Líbero Badaró, 119, 5º andar – Centro, São Paulo - SP
Tel.: (11) 3113-9748 - (11) 3113-9738
politicaslgbt@prefeitura.sp.gov.br

Centro de Cidadania LGBT - Luiz Carlos Ruas

Rua Visconde de Ouro Preto, 118, Consolação – São Paulo - SP
Tel.: (11) 3225-0019
centrodecidadanialgbt@prefeitura.sp.gov.br

Centro de Referência LGBT de Campinas

Secretaria Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência e da Cidadania - Prefeitura Municipal de Campinas
Rua Talvino Egidio de Souza Aranha, 47 - Botafogo - Campinas - SP
Tel.: (19) 3242-7744 - 0800-7718765
cr.lgbt@campinas.sp.gov.br

Conselho Municipal de Atenção à Diversidade Sexual

Secretaria Municipal do Bem Estar Social - Prefeitura de Bauru
Tel.: (14) 98116-9186 (Presidência)
bemestar@bauru.sp.gov.br

Coordenadoria da Mulher, Igualdade Racial e Diversidade Sexual

Secretaria de Relações Institucionais - Prefeitura Municipal de Osasco
Rua Salém Bechara, 407 - Centro Osasco - SP CEP: 06018-180
lgbt.sri@osasco.sp.gov.br
mulhereigualdaderacial@osasco.sp.gov.br

Assessoria Especial de Políticas LGBT - Araraquara

Rua Pedro Morganti, 2231 Centro - Araraquara - SP
Tel.: (16) 99751-3567
assessorialgbt@araraquara.sp.gov.br

Museu da Diversidade Sexual

Secretaria da Cultura do Estado da São Paulo
Estação República do Metrô
Entrada sugerida: Rua do Arouche, 24 –
República São Paulo – SP CEP: 01219-000
Tel.: (11) 3882- 8080 – ramal 150
www.mds.org.br

Comissão Municipal da Diversidade Sexual

Secretaria das Relações Institucionais da Prefeitura Municipal de Lins
Rua Porto Feliz, 193 -São Benedito - Lins - SP CEP: 16402-195
Tel.: (14) 99713-2710 - (14) 99131-0761 (whatsapp)

Assessoria de Políticas para Diversidade Sexual de Jundiaí

Núcleo de Articulação das Políticas de Direitos Humanos
Avenida da Liberdade, s/n - 8 andar - ala norte
Jardim Botânico-Jundiaí-SP CEP: 13214-900
tel: (11)-4589-8450
www.jundiai.sp.gov.br
kcgalbieri@jundiai.sp.gov.br

Subsecretaria de Políticas da Diversidade - Prefeitura Municipal de Guarulhos

Rua Claudino Barbosa, 313, Macedo, Prédio anexo, 3º andar
Guarulhos, SP CEP 07113-040;
Telefone: (11) 2414-4267 - (11) 94182-4619
politicasdadiversidade@guarulhos.sp.gov.br

COMADS - Conselho Municipal de Atenção à Diversidade Sexual - Ribeirão Pires

Rua Miguel Prisco, 288, Centro - Ribeirão Pires -SP
Tel.: (11) 4828-9822
comads@ribeiraopires.sp.gov.br

Conselho Municipal dos Direitos LGBT de Catanduva

Rua Natal 212- bairro São Francisco - Catanduva- SP
tel.: (17) 3521-1631 - (17) 99717-1143

